

GRISCI, Carmem Lígia Iochins – GUARESCHI, Pedrinho A. – RUEDELL, Pedro: *Igreja questionada*. Apresentação Luís Carlos Susin. – Petrópolis: Vozes, 1998. 99 pp., 21 x 13,5 cm. ISBN 85.326.2007-8

Este livro apresenta o resultado de uma pesquisa sobre os “católicos afastados”, realizada por solicitação do Setor Regional de Catequese da CNBB Sul 3 (RS) e das coordenações diocesanas de catequese do mesmo Estado. Foi realizada por pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A pesquisa realizou-se no horizonte teórico da chamada “teoria das representações sociais”, partindo de que ao agir as pessoas se guiam por “representações sociais”, e não simplesmente por conhecimentos racionais, mas antes por apelos afetivos, emocionais, simbólicos, míticos. Como metodologia foi usada a técnica dos grupos focais (grupos de discussão) formados em diversas camadas da população, cujos membros se dispõem a discutir o assunto em pauta.

*Carmem Grisci* (51-78) “esclarece a linha teórica em que se embasa a pesquisa, a maneira como foi feita a abordagem do objeto em estudo, privilegiando a apresentação dos resultados propriamente ditos” (51). *Pedrinho Guareschi* (79-91) interpreta os dados da pesquisa. Os dois textos centrais são precedidos por um trabalho de índole histórica, da autoria de *Pedro Ruedell* (17-49), que tenta contextualizar no processo histórico brasileiro a atual diversidade de situações dos batizados católicos. A introdução (13-16), uma conclusão inconclusiva (“E a história continua”, 93-96) e a bibliografia (97-99) completam a obra que é apresentada por Luís Carlos Susin (9-11).

O resultado da pesquisa “dá o que pensar” a todos os implicados na ação pastoral da Igreja Católica. Em primeiro lugar – e os analistas da pesquisa o sublinham bem –, o próprio conceito inicial de “católico afastado” é discutível e, do ponto de vista dos atingidos, inaceitável: “Não fomos nós que nos afastamos da Igreja; a Igreja é que se afastou de nós” (51; cf. 60-61.89-90). Eles se consideram católicos, mas não aceitam a instituição Igreja como mediação necessária para chegar a Deus: “Deus está bem no meio do peito do homem que tem fé” (65). Parece, aliás, uma marca do brasileiro médio

que a religiosidade seja “um valor geral e central” (85), mas para cultivá-lo não se sinta necessidade da Igreja (84). Pelo contrário, a “presunção” dos agentes que se consideram “donos” da Igreja e da verdade (86), os afasta.

O resultado da pesquisa deveria ser estudado, refletido e meditado por todo agente de pastoral, pois é, sem dúvida, representativo de todos aqueles que costumamos considerar “católicos batizados afastados”. Haveria muito a mudar, embora não tudo dependa da boa vontade do agente particular, mas de uma mudança mais profunda e estrutural na “Ecclesia semper reformanda” (a Igreja que deve ser sempre reformada).

Na opinião do recenseador, o artigo sobre o pano de fundo histórico da questão não acrescenta nada essencial ao livro. Poderia ter sido omitido com vantagem.

FT

FALLA, Ricardo: *Historia de un gran amor*. México: CRT, 1997. 87 pp., 20,8 x 12,9 cm. Colección Espiritualidad 3.

O A. relata, com as cores de uma experiência espiritual de amor, a aventura que viveu no contato com as “Comunidades de Población en Resistencia” Ixcán, na Guatemala. Antropólogo de formação, acompanhou um tempo essas comunidades, recuperando seus sofrimentos, sobretudo, com o terrível massacre de 1982. Viveu duras provas junto com o povo, sendo perseguido pelo exército que bombardeava e matava as populações indígenas. De um lado, é um testemunho de uma beleza heróica, e, de outro, provoca horror diante da tamanha monstruosidade de um regime militar e de seu exército.

Apenas cabe-nos na mente que exista, em pleno século XX, com todos os meios de divulgação tão horrendo genocídio, tão pouco sabido. Pesa sobre tudo isso um silêncio cúmplice da mídia. Esse pequeno livro revela-nos um canto desse drama. Está escrito a partir da experiência pessoal desse sacerdote jesuíta, que conviveu com essa dura realidade. Conversou muito, entrevistou as pessoas à cata de testemunhos vivos do sofrimento do povo.

Ele se refere no livro a uma obra folhuda que estava escrevendo com todo o material de sua pesquisa. Não saberia dizer se ela foi ou não publicada em algum lugar. Pelo testemunho do livro, desaconselharam-no, então, a fazê-lo para não arriscar mais ainda sua vida. “Publicar seria morrer”.

Admirável é o amor que o A. mostra para com seu povo sofrido. Usa para exprimi-lo versículos do Cântico dos Cânticos. Só uma experiência mística, espiritual de amor pode dar conta de tal vivência. O leitor termina vencido por tanto amor e beleza, mas machucado por tamanho sofrimento

dos pobres nesse mundo de injustiça e opressão. É um verdadeiro cântico desde o cativo. Realiza na prática o que L. Boff escrevera décadas atrás: Teologia do cativo e da libertação.

JBL

TELLECHEA IDÍGORAS, Ignacio: *San Ignacio de Loyola. La aventura de un cristiano*. Mexico: CRT, 1998. 70 pp., 20,3 x 12,8 cm.

Este é um pequeno livro, muito bem escrito. Uma jóia! O A. de uma vida de Santo Inácio, volumosa, historicamente muito bem documentada, com maravilhosa percepção do santo, resolveu brindar-nos uma edição resumida (cf. *Inácio de Loyola, sozinho e a pé*. São Paulo, Loyola, 1991, 343 pp.). Dessa maneira, ele pode atingir mais pessoas, que teriam dificuldades de enfrentar a sua obra de maior fôlego.

Na primeira parte, traça-nos a vida do Inácio mundano até sua tormentosa conversão. Com muito saber e sabor histórico, situa-nos Inácio no seu tempo, desde o berço de sua família, passando pelas diversas experiências da corte até a guerra contra os franceses. O fruto militar foi desastroso: a derrota. A consequência física grave: fratura da perna que o levou às portas da morte. O resultado espiritual foi surpreendente: leituras espirituais, luta interior de movimentos da alma, o início da escola do discernimento até sair convertido em busca de Montserrat.

A segunda parte inicia-se com a vida espiritual de um Inácio, ensinado por Deus. Sem passar pelas escolas espirituais da época, faz o noviciado na solidão da gruta de Manresa, onde se adentra na mística. Viaja à Terra Santa à busca das pegadas de Cristo, materiais e espirituais. Lentamente nasce o Inácio apostólico que vai reunindo em torno de si companheiros. Algumas tentativas frustradas. Ei-lo em Paris já com amigos que constituirão mais tarde os primeiros co-fundadores da Companhia de Jesus. O A. desvela-nos, com beleza, o surgir lento do Inácio que se prepara para sua última e grande missão.

A terceira parte é dedicada a ela: Inácio e a Companhia de Jesus. Essa nova Ordem religiosa, apesar de todas as dificuldades, termina por ser aprovada pelo Papa Paulo III. A sua obra espiritual por excelência, o livrinho dos Exercícios Espirituais, recebe também uma rara aprovação pontifícia. E, por fim, recebem os primeiros companheiros a incumbência por parte do Papa de escreverem as Constituições. Ninguém melhor que Inácio para assumir, principalmente, a tarefa com a ajuda dos companheiros. Nessa obra madura, mais espiritual que jurídica, Inácio deixa seu último testamento: as Constituições. Aliás penúltima! Porque um dos padres de Roma, o português Gonçalves da Câmara consegue ouvir de Inácio suas íntimas confidências e

deixa-nos o lindo Memorial da Autobiografia (cf. *Autobiografia de Inácio de Loyola*. São Paulo, Loyola, 1974).

Antes de morrer, sofreu uma última prova de fé e obediência. O cardeal Caraffa, desafeto de Inácio, é eleito papa. Pesam ameaças sobre a continuidade e a integridade substancial da Companhia de Jesus. Homem de fé, Inácio, depois de oração, vive o que escrevera no livro dos Exercícios: Sentir com a Igreja. Não se afastou um ponto na fidelidade e obediência ao magistério pontifício. Está maduro para morrer e deixar após si a esteira da sua vida nas pessoas dos jesuítas já presentes em vários continentes.

É a aventura maravilhosa de Inácio que o A. nos desenha com arte, com beleza, com profunda estima. Livro saboroso que faz bem ao coração num momento cultural em que faltam modelos e somos bombardeados pelos falsos e superficiais ídolos da propaganda e da mídia.

JBL

ALTMAYER Jr., F. (texto) e CORDEIRO, J. (fotos), *Aparecida. Caminhos da fé*. São Paulo: Loyola, 1998. 126 pp., 21 cm x 14 cm. ISBN 85-15-01777-6.

Há livros folhudos para leituras longas e profundas. Há livros leves, belos, feitos para agradar os olhos, aquecer a afetividade. Este pertence a esse último gênero. Apresenta, em texto sucinto, agradável, bem escrito e gostoso de ser lido, os mais diversos aspectos da realidade religiosa de Aparecida. Ao lado, estão fotos coloridas, expressivas, desse universo de piedade mariana.

Breve carta do cardeal emérito de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, apresenta o livro. O A. começa com sucintas palavras sobre o sentido bíblico das aparições para, em seguida, numa primeira parte, recontar a história da imagem milagrosa desde sua pesca no Rio Paraíba, os primeiros sinais de devoção até o fato da proclamação de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, pelo episcopado brasileiro em 1931. Para quem não conhece essa história e a imagem, o autor as descreve com pormenores. Um conjunto de fotos muito belas completa tal descrição.

Uma segunda parte do livro, conjugando também texto e fotografia, detalha a obra da construção do atual santuário e todo o conjunto de obras anexas. Emerge da leitura a percepção da grandiosidade arquitetônica do Santuário e do seu significado religioso na vida do povo brasileiro.

E, finalmente, uma terceira parte reproduz uma série de orações e cânticos a Nossa Senhora Aparecida.

Este é um livro bom para presentear pessoas com sentido estético e religioso. O texto e as fotografias fazem um belo conjunto. Além disso, o A. consegue passar, em estilo agradável e simples, uma visão atualizada e teológica da devoção a Nossa Senhora Aparecida. Respeitando as devoções populares, dá-lhes um significado profundo, evitando desvios e exageros.

JBL

HORSLEY, Richard A. – SILBERMANN, Neil Asher: *The Message and the Kingdom*. How Jesus and Paul ignited a revolution and transformed the Ancient World. New York: Grosset/Putnam, 1997. 290p. 23x16cm.

O estudioso do Novo Testamento Horsley e o arqueólogo Silbermann resumem neste livro de modo claro, acessível e equilibrado uma leitura sociopolítica dos documentos referentes não só a Jesus, mas também a Paulo de Tarso, abrindo inclusive uma perspectiva sobre o período ulterior do cristianismo nascente. O resultado é uma compreensão “viável” do teor revolucionário de Jesus e Paulo no contexto sociopolítico e cultural do primeiro século. O estilo é fluente, os pontos tocantes ao dogma das confissões judaica e cristãs são tratados com muita delicadeza, evitando que se projete sobre a compreensão histórica de Jesus e de Paulo as discussões teológicas ulteriores. O livro apresenta-se sem notas de rodapé, mas em compensação traz um apêndice bibliográfico resumindo a discussão científica de cada item, além de valiosos índices de autores e de assuntos, linha de tempo e mapa.

A idéia fundamental é que Jesus, movido pelo Espírito profético, teria almejado a renovação do povo de Israel como “reinado (de Deus) sem rei”, a começar pelas comunidades aldeãs de sua terra natal, a Galiléia, sendo levado a enfrentar a constelação do poder, comportando a ambição de Herodes Antipas, o controle romano e a cumplicidade do sistema religioso do Templo. A análise do sistema herodiano é muito valiosa.

A aventura de Paulo seria análoga. Defensor das tradições judaicas, teve uma visão profética, comparável à de Isaías e de Ezequiel, de Jesus glorioso, que o levou a dedicar-se ao projeto das comunidades dos discípulos de Jesus, ultrapassando paulatinamente as fronteiras da “circuncisão” e concebendo a renovação num sentido que incluísse todos os povos, realizando as profecias universalistas, anunciando o tributo dos pagãos – a coleta das Igrejas da Grécia levada à comunidade de Jerusalém, o projeto de ir até a Espanha-Tarsis, ou seja, os confins da terra, tendo por base operacional a comunidade de Roma, à qual ele dirige sua carta mais explícita.

Ambos, Jesus e Paulo, estavam em contínuo contraste com o sistema do Império e seus vassallos – apesar de os escritos de Lucas esfumaçarem isso

-, o que determinou naturalmente sua morte, como também de outros “mártires” do cristianismo nascente. Será que a destruição do Templo foi uma vitória de César? E a história ulterior das comunidades cristãs, espiritualizando a herança de Jesus e Paulo e revestindo-se das insígnias imperiais? Esta é a pergunta que fica aberta no fim do livro, depois de uma saudosa evocação da comunidade judeu-cristã da Didaqué.

Os exegetas provavelmente não estarão de acordo com tudo o que o livro diz. Mas tem dois grandes méritos: lê a história de Jesus com olhos judaicos e inicia o leitor na abundância de novas evidências literárias e arqueológicas, que colocam definitivamente em xeque a maneira idealista e ocidentalizada com que a cristandade tradicional tem encarado os textos.

*Johan Konings SJ*